

**JORNAL DO BRASIL**

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora*MAURO GUIMARÃES — *Diretor*MARCOS SA CORRÊA — *Editor*FLÁVIO PINHEIRO — *Editor Executivo*ROBERTO POMPEU DE TOLEDO — *Editor Executivo*

ANL

**Duelos Inúteis**

Nunca como agora o Brasil parece gastar tanta energia na discussão de problemas tão pequenos, como se a energia e a imaginação fossem mercadorias baratas e disponíveis nas prateleiras. Um exemplo disto é a verdadeira tempestade em copo d'água (ou em copo de uísque, conforme o caso) que se formou em torno da licença-paternidade, na Constituinte. Trata-se uma questão discutida como se fosse uma terrível questão de capital versus trabalho.

Não é evidentemente a única questão em suspenso na Constituinte, mas é seguramente uma das que poderiam ser negociadas com tranquilidade, bastando para isso apenas um pouco de bom senso. Os constituintes, no entanto, refletindo um estado de espírito nacional, preferem transformá-la num divisor ideológico. Gastam tempo e dinheiro bombardeando-se de lado a lado, como se estivessem travando uma batalha homérica.

Outros pontos em suspenso na Constituinte mostram que o barco da ideologia está muito mais cheio de idéias pomposas do que de soluções práticas para os problemas brasileiros. Questão de aposentadoria ou turnos de trabalho (muito mais indicadas para serem tratadas na legislação ordinária do que numa Constituição) delimitam verdadeiros campos ideológicos, inutilmente.

A História está cheia de exemplos provando o contrário. Suscetibilidades ideológicas nunca foram obstáculo para que países adotassem medidas consideradas importantes para seu desenvolvimento social. Numa conferência feita em 1927 — portanto apenas dez anos depois da revolução soviética — o filósofo alemão Max Scheler já podia afirmar que desde o surgimento da república soviética e da nova política econômica (a NEP de Lenin), a URSS teve de absorver cada vez mais traços do capitalismo.

Do outro lado, ponderou Scheler, as nações capitalistas, apesar de preservarem o princípio de propriedade privada, absorviam cada vez mais tantos elementos do socialismo em todas as formas de política econômica, coletivizada total ou parcialmente, "de modo que as realidades existentes dos dois lados superam cada vez mais as oposições entre os nomes e os conceitos".

No final dos anos 60, um presidente conservador e sulista nos Estados Unidos (apesar de democrata), Lyndon Johnson, lançou os fundamentos do que chamou de *Great Society* na esteira do *New Deal* de Roosevelt. Impressentemente Johnson convenceu o Congresso a promulgar a mais substancial lei de direitos civis em um século, a conceder assistência médica aos idosos, a dar ajuda federal maciça às escolas elementares e secundárias, a elevar o salário mínimo, a criar um grande programa habitacional, e ainda deu

início a uma cruzada para limpar o ar e a água da poluição. O "sonho americano", para o conservador Johnson, era acabar com a pobreza (no plano externo, no entanto, ele incorreu no mesmo erro de seu antecessor John Kennedy ao achar que apenas alguns meses de ação militar limitada no Vietnã bastariam para eliminar o "perigo comunista").

Uma questão se torna política quando adquire caráter polêmico e cuja satisfação é considerada um bem público. A ação política, como a definiu Luis Sánchez Agesta, não se desenvolve de acordo com uma norma: ela é criadora, fonte de mudanças, de inovações e de imprevisto. O cidadão que vota, a imprensa que comenta, os grupos que pressionam, o governante que propõe uma lei — todos realizam, neste sentido, uma atividade política.

A democracia *revela* sem consideração, como disse Scheler, os contrastes históricos entre raças, religiões, classes e partidos políticos existentes numa nação. Mas jamais uma elite — como acontece no Brasil — se originará de um dos partidos políticos enquanto eles forem tão numerosos e indefinidos — como se os políticos estivessem permanentemente dispostos a cortar o galho em que eles próprios estão sentados. Tal disposição se mostra no entusiasmo derramado com que os constituintes desperdiçam todas suas energias em duelos poeirentos a respeito de probleminhas quase invisíveis para o restante da nação.

Muitos constituintes procedem como se o Brasil acabasse amanhã se um dos dois itens, contrários aos seus interesses, passassem nas votações. Falta-lhes um mínimo de visão histórica, para perceber que o Brasil já enfrentou situações muitíssimo mais graves, e resistiu, em meio a temporais, a crises econômicas, a mudanças de regime. E vai continuar existindo, mesmo se seus políticos perderem a última coisa que jamais poderiam perder: o espírito de conciliação.

O espírito de luta, que deveria aperfeiçoar a imaginação dos nossos políticos, está contribuindo para embotar-lhes o senso da História. Esta divisão primária entre esquerda e direita, entre capital e trabalho, não honra nem o espírito de luta e nem a imaginação deles. Até porque o quadro da situação mundial oferece hoje novas alternativas, como ofereceu aos grandes países nos momentos em que necessitaram absorver as táticas do adversário para resolver suas próprias contradições internas.

As espetaculares mudanças atualmente em curso na União Soviética são uma prova disto, de que as reviravoltas históricas são bem-vindas quando necessárias. O chanceler soviético Eduardo Shevardnadze acaba de teorizar sobre isto: "A luta entre os dois sistemas opostos não é mais a tendência determinante da época contemporânea."

Será possível falar mais claro?